BOLETIM INFORMATIVO

A REVISTA DO SISTEMA

SISTEMA FAEP

SENAR PARANÁ

FAEP FEDERAÇÃO DA AGRICULTURA DO ESTADO DO PARANÁ 60 ANOS

SINDICATO RURAL

Ano XL nº 1646 | Abril 2026

Tiragem desta edição **26.000 exemplares**

INOVAÇÃO

PIONEIRISMO DIGITAL

Na vanguarda nacional, Sistema FAEP implanta a biometria facial para todos os seus cursos, dando agilidade aos processos, desde a inscrição até a emissão do certificado



Aos leitores

Mais uma vez, o Sistema FAEP dá exemplo para as outras federações da agricultura do Brasil e outras entidades do setor. Desta vez, o motivo envolve a adoção da biometria facial em 100% dos cursos do catálogo, até então algo inédito quando envolve as entidades representativas do meio rural no âmbito nacional. Essa nova tecnologia, que agora faz parte das mais de 13 mil turmas por ano, é prova de que a inovação está no DNA da entidade.

Chegar a esse ponto, onde as fichas de inscrição e presença em papel fossem aposentadas em substituição a uma única foto da turma, não foi um caminho simples. Mas, o resultado já está sendo medido. Mais agilidade para o produtor rural, melhor acesso às informações e também economia financeira: redução de R$ 1 milhão com a eliminação do papel, despacho e correios.

Os reflexos positivos já estão sendo sentidos por alunos e instrutores, como você pode conferir na matéria de capa desta edição da revista Boletim Informativo. Afinal, agilidade, segurança de dados e sustentabilidade são premissas dos treinamentos dos Sistema FAEP. Essa é mais uma inovação que ganhou áreas rurais do Paraná. E que em breve, arriscamos dizer, será copiada por outros Estados. Afinal, o Paraná e o Sistema FAEP seguem protagonistas quando o assunto é agropecuária!

Boa leitura!

Expediente

• FAEP - Federação da Agricultura do Estado do Paraná
Presidente: Ágide Meneguette | **Vice-Presidentes:** Ivonir Lodi, Francisco Carlos do Nascimento, Oradi Francisco Caldato, Lisiane Rocha Czech, Ágide Eduardo Perin Meneguette e Nelson Gafuri | **Diretores-Secretários:** Livaldo Gemin e Ivo Pierin Júnior | **Diretor Financeiro:** Paulo José Buso Júnior e Mar Sakashita | **Conselho Fiscal:** Aristeu Kazuyuki Sakamoto, Sebastião Olimpio Santaroza e Walter Ferreira Lima | **Delegados Representantes:** Ágide Meneguette, Rodolpho Luiz Werneck Botelho, Eduardo Medeiros Gomes e Cezar Augusto Massaretto Bronzel.

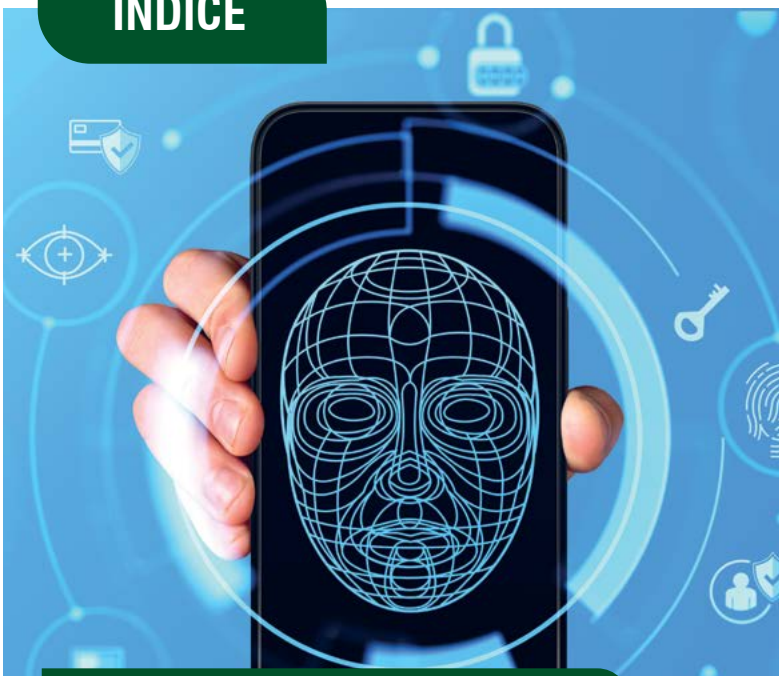
• SENAR-PR - Administração Regional do Estado do PR
Conselho Administrativo | Presidente: Ágide Meneguette | **Membros Efetivos:** Rosanne Curi Zarattini (SENAR/AC), Nelson Costa (Ocepar), Darci Piana (Fecomercio) e Alexandre Leal dos Santos (Fetaep) | **Conselho Fiscal:** Sebastião Olímpio Santaroza (FAEP), Paulo José Buso Júnior (SENAR/AC) e Carlos Alberto Gabiatto (Fetaep)

• BOLETIM INFORMATIVO
Coordenação e Edição: Carlos Guimarães Filho
Projeto Gráfico e Diagramação: Fernando Santos, Helio Lacerda e William Goldbach
Colaboração: Larissa Rubiane de Assis
Contato: *relacoescomimprensa@sistemafaep.org.br*

Publicação mensal editada pelo Departamento de Relações com Imprensa do Sistema FAEP. Permitida a reprodução total ou parcial, citando a fonte.

Fotos da Edição 1646:
Fernando Santos, William Goldbach, Hélio Lacerda, Divulgação, Arquivo Sistema FAEP e Shutterstock.

ÍNDICE



BIOMETRIA FACIAL
Tecnologia adotada pelo Sistema FAEP garante agilidade no cadastro dos alunos e na emissão de certificados dos cursos
PÁG. 4

NURESPAR
Núcleo de sindicatos do Norte e Noroeste tem novo presidente com proposta de fortalecimento do sistema
Pág. 3

LONGEVIDADE
Sete sindicatos rurais completaram 60 anos em março com atuações relevantes para o setor agro do Paraná
Pág. 6

ENFRENTAMENTO DO GREENING
Novas regras no combate à doença ajudam na prevenção da citricultura no Paraná, importante atividade do Estado
Pág. 12

TRANSFORMAÇÃO
Alunos das primeiras turmas da ATeG registram aumento de lucro e renda após adoção do serviço
Pág. 18

NOVA GERAÇÃO
Uso de drones para realizar atividades dentro das propriedades atrai jovens e reforça a sucessão no campo
Pág. 26

Nova gestão do Nurespar planeja ampliar os serviços ofertados pelos sindicatos

Arnaldo Cortez assume o cargo de presidente com o desafio de fortalecer o núcleo composto por 20 entidades



Presidente do Sistema FAEP, Ágide Eduardo Meneguette participou da posse da nova diretoria do Nurespar

O Núcleo Regional dos Sindicatos do Norte e Noroeste do Paraná (Nurespar) tem um novo presidente. Arnaldo Cortez tomou posse no dia 20 de março para o mandato de três anos (2026/29), com a proposta de fortalecer a união entre os sindicatos e aprimorar os serviços ofertados aos produtores rurais. O Nurespar reúne as 20 entidades das regiões Norte e Noroeste do Paraná, com atuação em 57 municípios.

Além do presidente, a nova diretoria é composta pelos vice-presidentes Ivo Perin Junior, do Sindicato Rural de Paranavaí, e Pedro Alberton Leoni Alves de Siqueira, da entidade de Nova Esperança; o tesoureiro Wagner Roberto Benatti, do Sindicato Rural de Colorado e o secretário Júlio Toshimitsu, da entidade de Astorga.

O evento de posse aconteceu na sede do Sindicato Rural Paranacity, com a presença de centenas de pessoas, entre lideranças rurais da região, presidentes de sindicatos, autoridades e produtores rurais, além do presidente do Sistema FAEP, Ágide Eduardo Meneguette.

"À frente do Nurespar, quero estender a mão aos sindicatos, investir em treinamento e fazer com que todos trabalhem em união. Desta forma, tenho certeza, vamos gerar benefícios tanto para o sindicado quanto para o produtor", destaca Cortez.

"O Núcleo tem papel fundamental para fomentar a atuação ainda mais eficiente e uniforme dos nossos sindicatos, levando serviços de qualidade aos agricultores e pecuaristas. O Sistema FAEP é parceiro do Nurespar, contribuindo na qualificação, defesa dos interesses do produtor e desenvolvimento da agricultura estadual", complementa Meneguette.

Também presidente do Sindicato Rural de Paranacity, Cortez planeja utilizar a mesma "receita". "Quando assumi em Paranacity falei que gostaria de gerir o sindicato como uma empresa. Junto com os demais diretores, capacitamos a equipe, valorizamos profissionais dedicados e aumentamos o número de associados. Isso tudo permitiu a melhoria da oferta dos serviços ao produtor rural", ressalta Cortez.

Para o novo presidente do Nurespar, todo sindicato rural deve atuar como a casa do produtor, oferecendo suporte prático no dia a dia, especialmente em questões burocráticas. Desta forma, segundo o dirigente, o produtor percebe valor em ser um associado.

"Junto com o Sistema FAEP, vamos continuar defendendo os interesses do produtor rural e trabalhando para fortalecer, cada vez mais, os nossos sindicatos e o nosso sistema sindical rural. Já tivemos muitas conquistas e vamos continuar atuantes, sempre que necessário", reforça Cortez.

O Nurespar é composto pelos sindicatos rurais de Alto Paraná, Astorga, Colorado, Jandaia do Sul, Loanda, Lobato, Mandaguaçu, Mandaguari, Marialva, Maringá, Nova Esperança, Nova Londrina, Paraíso do Norte, Paranacity, Paranavaí, Querência do Norte, Santa Isabel do Ivaí, São João do Caiuá, São Jorge do Ivaí e Terra Rica.



Biometria facial opera 100% dos cursos do Sistema FAEP

Tecnologia contribui para a agilidade no processo de cadastro e emissão de certificados, além de gerar economia de R$ 1 milhão por ano

Desde o início de 2026, todos os cursos do Sistema FAEP estão sendo realizados com biometria facial. A tecnologia registra presença e frequência dos participantes e integra as informações ao processo de emissão de certificados. A solução substitui procedimentos que antes dependiam de fichas em papel, assinaturas presenciais e conferência manual. O Sistema FAEP é pioneiro na implantação da biometria facial entre as federações da agricultura no país e pela Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA).

A ferramenta combina leitura facial com funcionamento offline, permitindo que instrutores do Sistema FAEP registrem a participação dos alunos mesmo em locais sem internet, realidade comum em muitas localidades do Paraná. O aplicativo permite realizar o cadastro dos participantes dos treinamentos, capturar a biometria facial e registrar a frequência. Para cursos com visitas em propriedades, o sistema registra geolocalização, *check-in* e *check-out*, fotos e frequência dos participantes. Tudo isso utilizando inteligência artificial para capturar e comparar dados biométricos em tempo real.

“Implantar a biometria facial foi uma decisão estratégica do Sistema FAEP, que permite aumentar a eficácia nos nossos treinamentos, além da economia financeira”, destaca Ágide Eduardo Meneguette, presidente do Sistema FAEP. “Muitos cursos acontecem em regiões rurais onde pode não haver internet, mas a solução permite registrar presença e frequência mesmo nesses locais”, complementa.

Além da agilidade e eficiência, o aplicativo gerou economia significativa, eliminando o uso de papel, despacho e correios. A estimativa é economizar R$ 1 milhão por ano.

O projeto de biometria facial começou com o mapeamento do processo de gestão dos cursos. A análise identificou pontos que atrasavam o fluxo de cadastro, registro de presença e emissão de certificados. O aplicativo possui certificação ISO/IEC 27001, norma internacional voltada à gestão da segurança da informação, e segue a Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD).

“Antes, as fichas de inscrição em papel precisavam ser assinadas presencialmente e enviadas por correio. Se alguma assinatura estivesse incorreta ou faltando, a ficha retornava para correção, atrasando a emissão dos certificados”, explica Ieda Donada, gerente de TI do Sistema FAEP.

Antes, a emissão de certificados levava em média 20 dias, envolvendo coleta, envio pelos correios, conferência manual e digitalização. Agora, a média é de apenas cinco dias.

“A tecnologia permitiu reduzir custos operacionais e evitar pendências relacionadas a assinaturas e registros de frequência”, complementa Helen Raksa, coordenadora do Departamento de Organização e Gestão da Execução do Sistema FAEP.

Os próximos passos incluem ampliar a funcionalidade do aplicativo, permitindo que instrutores registrem o desempenho dos participantes em indicadores específicos, integrando avaliação e frequência em uma única plataforma.

Processo ágil no campo

A adoção do sistema de biometria facial transformou a rotina nos cursos do Sistema FAEP. Desde a implantação do sistema, mobilizadores nos sindicatos, instrutores e alunos convivem com uma rotina menos burocrática e mais ágil.

“O processo realmente ficou mais rápido. Isso impactou diretamente na organização das turmas. Se o aluno não conseguir fazer a inscrição online, ele pode ir ao sindicato para receber orientação” afirma a mobilizadora e gestora do sindicato em Alvorada do Sul, Adriani Voltarelli.

Além da agilidade no cadastro dos participantes e no registro de presença, Adriani ressalta o menor período para emissão dos certificados. “Agora, em cinco dias já estão disponíveis para os participantes. Isso é importante porque muitos precisam enviar o documento rapidamente para cooperativas ou empresas”, diz.

Dentro da sala de aula, a realidade também é outra, confirma o instrutor do curso de Operação de Drones, Rafael Andrzejewski.

“Perdia horas conferindo papel. E, muitas vezes, quando chegava no Centro de Distribuição, havia alguma pendência que tinha que ser regularizada. Isso sem mencionar o custo de envio”, explica. “Já realizei 16 cursos com biometria, todos com sucesso e sem fichas de inscrição”, destaca.



R$ 1 milhão

Essa é a economia do Sistema FAEP com a eliminação do uso de ficha de inscrição em papel, despacho e correios

Assista ao vídeo sobre Biometria Facial

Base sindical sexagenária

Sete sindicatos rurais do Paraná completaram 60 anos em março deste ano, em uma trajetória marcada pelo protagonismo na defesa dos produtores



Em março, sete sindicatos rurais do Paraná completaram 60 anos de atuação: Alto Paraná, Ibiporã, Jacarezinho, Paranavaí, Santo Antônio da Platina, São João do Caiuá e Sapopema. Não por acaso, a história desses sindicatos se mistura com a da Federação da Agricultura do Estado do Paraná (FAEP), que se tornou sexagenária em dezembro do ano passado. Ou seja, essas entidades participaram ativamente da construção inicial do sistema sindical rural do Paraná.

Até o início dos anos 1960, o meio rural no Brasil era "desorganizado" em relação a outros setores econômicos. No Paraná, as chamadas associações rurais dos municípios agregavam os envolvidos nas atividades do campo, desde os trabalhadores, caminhoneiros e proprietários de terras, sem separação por categoria.

Por uma exigência do Ministério do Trabalho, em 1965, as associações rurais teriam que se tornar sindicatos para continuar atuantes. Então, em dezembro daquele mesmo ano, em um evento chamado Encontro Regional Rural de Curitiba, a FAEP liderou uma campanha de sindicalização dessas associações.

"Ao longo do tempo, nossos sindicatos rurais ampliaram seu papel, passando a defender os interesses dos produtores, promover o crescimento do setor e fomentar os cursos para qualificação", explica o presidente do Sistema FAEP, Ágide Eduardo Meneguette. "Seis décadas depois, a trajetória desses primeiros sindicatos revela, além da longevidade, a consolidação de um modelo de organização que ajudou a moldar o desenvolvimento do campo no Paraná. Hoje temos um sistema sindical rural forte e atuante por conta destes e dos demais sindicatos espalhados pelo Estado", complementa.

Confira a história de atuação de cada um destes sete sindicatos rurais.

Confira as datas de fundação dos sindicatos que completaram 60 anos:

Alto Paraná – 21/03

Ibiporã – 21/03

Jacarezinho – 21/03

Paranavaí – 21/03

Santo Antonio da Platina – 21/03

São João do Caiuá – 21/03

Sapopema – 21/03

Ibiporã: construção do futuro do agro local

A história recente do Sindicato Rural de Ibiporã, no Norte do Estado, é marcada por reconstrução, mobilização e protagonismo. Nos anos de 2003 e 2004, caminhoneiros e produtores da região se uniram em uma manifestação por melhores condições para o setor, chegando a interditar estradas e pontes importantes da região. Esse protesto evidenciou a fragilidade da representação local e levou à reabertura do sindicato, que estava inativo há anos. À frente dessa retomada, produtores como Orivaldo Bigati, Hildo Favoreto e Adilson Maggi formaram uma junta governativa e, com apoio e suporte do Sistema FAEP, reorganizaram a entidade.

Com a reestruturação, Nadir Bigati, irmão de Orivaldo, assumiu a presidência, permanecendo por três gestões até seu falecimento. Apesar dos avanços, o período também deixou lacunas, como a perda de associados, um dos principais desafios enfrentados por Florisa Satie Hoshino ao assumir a presidência, em dezembro de 2021.

"Logo que assumimos, a situação para trabalhar estava no vermelho. Então, focamos na mobilização de cursos e na busca por novos associados. Mas, olhando pelo lado positivo, isso nos forçou a ir além do básico e oferecer outras possibilidades", relembra Florisa.

Filha de produtores rurais, Florisa carrega o agro na própria trajetória. Sua chegada à presidência foi um processo natural, construído ao longo dos anos de participação no sindicato, inicialmente acompanhando o marido Luiz Hoshino, integrante da diretoria, em reuniões. "Eu nasci no agro. Sempre estive próxima dessa realidade e o sindicato foi um caminho que surgiu de forma orgânica na minha vida", afirma.

Sob sua liderança, a entidade passou por um processo de revitalização. O número de associados dobrou e a atuação diversificou, com a oferta de serviços como declaração do imposto de renda, emissão de certidões, gestão de folha de pagamento, além de cursos e capacitações em parceria com o Sistema FAEP.

Outro marco importante foi o fortalecimento da participação feminina. "A presença das mulheres sempre existiu, mas ganhou força com programas específicos. Hoje, vemos o quanto isso faz diferença na gestão e no dinamismo do sindicato", destaca a presidente.

No processo de reestruturação, iniciativas como a Comissão Estadual de Mulheres da FAEP e o programa Sindicato Protagonista contribuíram para estruturar metas, ampliar serviços e incentivar uma atuação mais estratégica.

"Esses programas tiram da zona de conforto, pois trabalhamos com metas claras e acompanhamento de consultores. Isso impulsiona o crescimento do sindicato", explica Florisa.

Atualmente em sua segunda gestão, a presidente celebra os avanços conquistados, especialmente no reconhecimento institucional e na relação com o poder público. "Hoje temos visibilidade no município. A prontidão do Sistema FAEP também é algo que faz diferença", ressalta.

Em um município com forte produção de soja e milho, além de trigo e café em menor escala, o sindicato segue como uma peça-chave no apoio ao produtor rural. Para Florisa, o caminho está claro: fortalecer a base, ampliar a participação e seguir construindo, coletivamente, o futuro do agro local.



Sindicato Rural de Ibiporã



Sindicato Rural de São João do Caiuá

São João do Caiuá: sucessão garantida

A história do meio rural de São João do Caiuá se confunde com a própria trajetória de Mauricio Luiz Vituri, atual presidente do sindicato local. Filho de produtor rural, ele viu de perto o ciclo do café desde a formação de lavouras robustas, como os 80 mil pés plantados pelo pai em Rolândia, até as perdas causadas pela geada negra de 1975, que mudou os rumos da produção do Paraná. Foi nesse contexto de transformação que surgiu a ligação de Vituri com o sindicato. Primeiro como representante do pai, ainda na década de 1970, depois como associado, nos anos 1980.

"Comecei a participar quase por acaso. Meu pai era associado, mas preferia pescar, então acabei indo no lugar dele. Quando vi, já estava envolvido com o sindicato", explica Vituri. "Naquela época, o pessoal era unido, entusiasmado. Hoje é diferente, mas seguimos firmes", lembra.

Desde então, Vituri construiu uma trajetória de liderança dentro da entidade, primeiro como tesoureiro, depois vice-presidente e, desde 2013, ocupa a presidência, na sua quinta gestão. Prestes a completar 82 anos, ele já vislumbra a continuidade. "A próxima geração está interessada. Os filhos dos diretores já estão participando. Esse é o caminho natural", avalia.

Entre as conquistas mais recentes, Vituri destaca o fortalecimento da base, com a aproximação de pequenos e médios produtores, e o esforço coletivo que manteve o sindicato firme em momentos críticos. Hoje, o sindicato atua como um suporte ao produtor rural, oferecendo desde serviços administrativos até orientação técnica. "Teve época em que um grupo pequeno tirava do próprio bolso para não deixar o sindicato fechar. Isso mostra o quanto a entidade é importante", reforça.

Vituri também ressalta o papel do Sistema FAEP em conquistas importantes para o setor, como a flexibilização de exigências ambientais para propriedades e iniciativas como o projeto de irrigação noturna. A homenagem pelos 60 anos é mais uma forma de incentivo para a continuidade do trabalho.

"Precisamos mostrar que o sindicato e o Sistema FAEP são fortes e que vale a pena participar", afirma.

Paranavaí: crescimento orgânico

A história do Sindicato Rural de Paranavaí começa em 1959, com a criação de uma associação de produtores. A formalização como sindicato ocorreu em 1966, com apoio do Sistema FAEP. "O nosso sindicato está na base do sistema sindical do Estado, como pioneiro na organização rural", destaca o presidente Ivo Pierin Junior.

A trajetória do dirigente se confunde com o desenvolvimento da



Sindicato Rural de Paranavaí

agropecuária na região. Nascido em 1952, Pierin cresceu acompanhando o trabalho do pai, um dos pioneiros de Paranavaí, que participou dos diferentes ciclos produtivos, desde o café até a madeira, sempre com uma visão de agregar valor à produção. Embora tenha se mudado para Curitiba para estudar Farmácia e Bioquímica, o campo falou mais alto. De volta às origens em Paranavaí, Ivo passou a se envolver gradualmente com a vida sindical, primeiro de forma indireta, até assumir funções na diretoria. Em 1999, chegou à presidência do sindicato, cargo que ocupa desde então, consolidando uma liderança marcada pela continuidade e pelo vínculo com os produtores.

Pierin relembra que, nos primeiros anos do sindicato, o cenário era marcado pela produção do café. Naquele período, a entidade contava com cerca de 30 associados. No entanto, eventos climáticos extremos, como a histórica geada negra, mudaram os rumos da produção local. A partir daí, os produtores passaram a diversificar suas atividades, migrando para a pecuária e culturas como algodão, laranja e cana-de-açúcar, em um movimento que redefiniu a economia agrícola local e exigiu maior organização coletiva.

Ao longo das décadas seguintes, o sindicato atuou diretamente no suporte desses produtores diante das crises, buscando acesso a financiamentos, assistência técnica e medidas de estabilização de preços. Também teve papel relevante na introdução e fortalecimento de novas cadeias produtivas, como o caso do leite e da plantação de laranjas.

Hoje, com cerca de 250 associados, a entidade mantém sua atuação próxima ao campo, funcionando como o elo entre o produtor e o Sistema FAEP. “Sempre fomos um braço do produtor junto com a Federação. Antes, muitos não conheciam esse trabalho, mas hoje, com a comunicação mais ágil e digital, o produtor recebe as informações em tempo real”, afirma Ivo. “A orientação técnica e os treinamentos do Sistema FAEP, aliados à presença do sindicato na base, consolidaram um modelo de atuação próximo e efetivo” exalta.



Sindicato Rural de Jacarezinho

Jacarezinho: atuante e eficiente

Na parede do Sindicato Rural de Jacarezinho, duas placas contam parte de uma trajetória de conquistas: 45 e 50 anos de atuação. Em breve, a terceira será instalada, marcando seis décadas de história. Para o presidente Eduardo Sergio Quintanilha, esse novo quadro simboliza resistência e continuidade. “Nós conseguimos melhorar e ficar mais fortes dentro desse tempo”, afirma.

Quando a entidade foi oficialmente fundada, em 21 de março de 1966, Quintanilha ainda era estudante de Agronomia, em Curitiba. Formado em 1969, o dirigente acompanhou a transformação da antiga associação que deu origem ao sindicato, um processo do qual seu pai participou. Naquela época, Jacarezinho figurava entre as principais cidades do Paraná, impulsionada pela força do café. “O comércio de café era um negócio impressionante. Dezenas de famílias viviam só disso”, relembra.

O sindicato teve papel ativo nesse período, oferecendo serviços e apoio direto aos cafeicultores. No entanto, as geadas que atingiram a região provocaram uma mudança profunda no perfil dos associados, afastando médios e pequenos produtores e concentrando a base nos grandes. Ainda assim, a entidade se manteve ativa e relevante.

Hoje, o cenário é outro. A produção cafeeira aposta na qualidade ao invés de quantidade, com destaque para cafés especiais que ganham projeção em eventos especiais. Além disso, culturas como cana-de-açúcar, soja e milho fortalecem a economia local. Nesse contexto, o sindicato atua em diversas frentes, com foco especial na capacitação.

“Nos quarenta anos que estou aqui, considerando o número de cursos, treinamentos e eventos, com certeza somos um dos maiores sindicatos do estado”, comemora, orgulhoso. “Somos um sindicato eficiente, com contas em dia e atuante, mesmo diante de limitações”, complementa.



Sindicato Rural de Alto Paraná

Alto Paraná: aposta na educação e sucessão rural

Antes da organização sindical, os produtores rurais do município de Alto Paraná contavam apenas com iniciativas isoladas. “Eram cerca de 40 a 50 produtores que tentavam resolver os problemas ligados ao campo, sem uma entidade que falasse por eles. Foi necessária uma organização”, relembra Adriana Kuhnen Warmiling, atual presidente do sindicato rural local.

Nascida em Paranavaí, Adriana cresceu em uma família ligada à produção de leite e mandioca. A mudança para Alto Paraná, na década de 1980, marcou o início de uma trajetória pioneira, pois sua família implantou a primeira farinheira da região. O envolvimento com o sindicato veio cedo: aos 16 anos, já acompanhava o pai, Dionísio Warmiling, nas reuniões e participava de cursos do Sistema FAEP. E, sendo filha de um grande produtor da região, sempre recorreu aos serviços do sindicato para registros de funcionários, folha de pagamento, entre outros serviços de contabilidade. “Foi um caminho natural até a presidência, pois sempre estive próxima do sindicato e das necessidades do produtor”, afirma.

Ao longo dos anos, Adriana acompanhou as transformações econômicas locais, como o declínio da cafeicultura e a redução populacional do município (de 40 mil para 14 mil habitantes atuais). Nesse cenário, o sindicato se consolidou como apoio essencial ao produtor, oferecendo serviços como regularização de propriedades e encaminhamentos previdenciários.

Na presidência desde 2015, Adriana foi incentivada a assumir a liderança por antigos presidentes, que enxergaram nela uma capacidade natural de articulação. Atualmente em sua sexta gestão, a dirigente é reconhecida pela proximidade com a comunidade. Essa característica segue marcando sua atuação. “Alto Paraná é um município pequeno. No banco, na farmácia ou até na fila do supermercado, o produtor me encontra e fico feliz em poder atender ali mesmo. Isso acontece quase todos os dias”, conta.

No cenário do sistema sindical rural, Adriana destaca a própria continuidade da entidade e o fortalecimento das parcerias com o Sistema FAEP, responsável por capacitações que impulsionam atividades como a produção de laranja e mandioca na região.

Para o futuro, a presidente aposta na educação e na sucessão rural. “Queremos manter o sindicato forte, aproximar ainda mais o produtor e ampliar parcerias com escolas e a prefeitura. Nosso papel é unir, orientar e mostrar caminhos”, destaca.


Sindicato Rural de Sapopema

Sapopema: futuro ainda mais atuante

A história de Fábio Antonio Maximiano no sindicalismo rural vem de berço. Filho de agricultores, ele carrega o legado do pai, Paulo Branco, um dos fundadores do sindicato na década de 1960, presidente nos anos 1980 e um dos responsáveis pela construção da sede própria. “Cresci vendo o sindicato forte, atuante, sendo essencial até para a construção de igrejas na comunidade”, relembra.

Com o passar dos anos, no entanto, a entidade chegou a ficar estagnada. Ao perceber o risco de encerramento das atividades, Maximiano recebeu o convite de assumir o desafio de reconstruir a entidade. “O sindicato ficou parado no tempo. Aceitei praticamente começar do zero”, relembra. Desde que assumiu a presidência, em 2023, Maximiano lidera o processo de reorganização que já apresenta resultados concretos, com contas regularizadas, certidões em dia e ampliação dos serviços oferecidos.

Hoje, o sindicato é um ponto de apoio para o produtor rural, especialmente os pequenos e médios. Cursos, assistência técnica ativa e capacitações em áreas como operação de drones, tudo em parceria com o Sistema FAEP, têm atraído novos públicos. “O produtor voltou a bater na porta em busca de orientação. Estamos resgatando a função social do sindicato”, destaca.

A região, marcada pelas pecuárias de corte e leite, também começa a mirar novas oportunidades, como o fortalecimento do turismo rural. Entre as iniciativas recentes ofertadas pelo sindicato estão a oferta de suporte em direito previdenciário, emissão de certificados digitais e a criação da comissão de mulheres, estratégias pensadas para ampliar o engajamento. “Estamos trazendo os associados de volta e abrindo espaço para novos. O sindicato está sempre de portas abertas para a comunidade”, ressalta.

Com o programa Assistência Técnica e Gerencial do Sistema FAEP atendendo mais de trinta propriedades e ações contínuas de orientação, como no caso das mudanças na nota fiscal eletrônica, a entidade retoma protagonismo no município. “E tudo isso com suporte do Sistema FAEP, que tem sido essencial para o que já conquistamos e para projetar um futuro ainda mais atuante”, afirma o presidente.

Santo Antônio da Platina: papel histórico no agro estadual

Fundado a partir da união de produtores pioneiros na região, o Sindicato Rural de Santo Antônio da Platina tem suas origens em 1948, com a criação da Associação Rural, consolidando-se oficialmente como entidade sindical em 1966. Desde então, a entidade tem firmado a posição de importante voz de representação do campo, nascida da necessidade de organização e defesa dos interesses dos produtores rurais.

Com início marcado pelo engajamento coletivo e pela busca de soluções para os desafios do campo, o sindicato cresceu de forma consistente ao longo das décadas. De um grupo inicial de 10 associados, a entidade conta, hoje, com 60 produtores, ampliando sua atuação também para municípios vizinhos como Jundiaí do Sul, Guapirama, Conselheiro Mairinck e Quatiguá.

Segundo o presidente José Afonso Junior, um dos orgulhos da entidade está em sua liderança histórica. O primeiro presidente do sindicato, Paulo Patriani, também ocupou a posição de dirigente máximo da FAEP, o que reforça a relevância de Santo Antônio da Platina no cenário estadual. Esse fato é preservado com cuidado pelos funcionários do sindicato, que mantém em seus arquivos jornais, atas e documentos que registram esse capítulo da história.

Atualmente, o sindicato se destaca pela oferta de cursos, treinamentos e eventos, além da atuação junto a órgãos públicos e parceiros, contribuindo diretamente para a modernização e o fortalecimento da gestão no campo. “O nosso sindicato nasceu da necessidade de dar voz ao produtor rural e continua cumprindo esse papel”, afirma o presidente.

Porém, ao longo de sua trajetória, a entidade enfrentou desafios como os altos custos de produção, violência no campo e a necessidade constante de atualização técnica. Mas, ainda assim, o sindicato consolidou importantes conquistas, como o fortalecimento institucional e a ampliação da participação dos produtores. “Hoje somos uma entidade estruturada, próxima dos associados e comprometida com a evolução do agro na região”, destaca Afonso Junior.

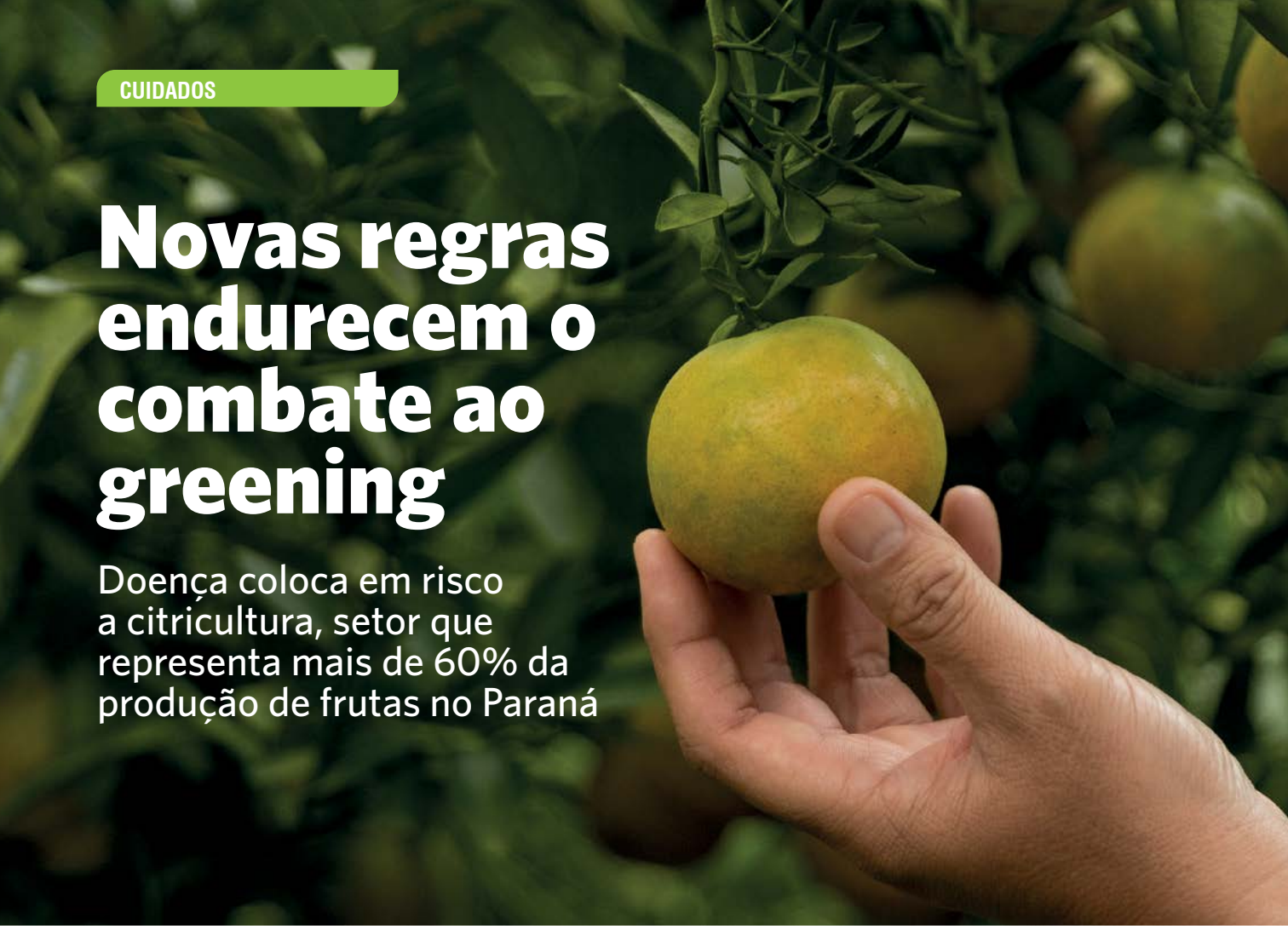
Mais do que representar, o sindicato segue como agente ativo no desenvolvimento regional, apoiando as principais cadeias produtivas como bovinocultura, grãos, avicultura e horticultura.



Sindicato Rural de Santo Antônio da Platina

Novas regras endurecem o combate ao greening

Doença coloca em risco a citricultura, setor que representa mais de 60% da produção de frutas no Paraná



O combate ao greening no Paraná ganhou um novo capítulo. A Agência de Defesa Agropecuária do Paraná (Adapar) publicou, em março, portaria que orienta sobre as medidas obrigatórias de prevenção, controle e contenção da doença, considerada a principal ameaça à citricultura estadual. A elaboração das regras que reforçam as ações no campo contou com a participação do Sistema FAEP. A portaria atende a exigência do Ministério da Agricultura e Pecuária (Mapa), que determinou aos governos estaduais a elaboração de um plano de contingência.

Causada pela bactéria *Candidatus Liberibacter spp*. e transmitida pelo psilídeo-dos-citros (*Diaphorina citri*), a doença não tem cura e pode levar à morte das plantas. Por isso, o monitoramento frequente e a eliminação de exemplares com sintomas seguem como as principais estratégias de contenção.

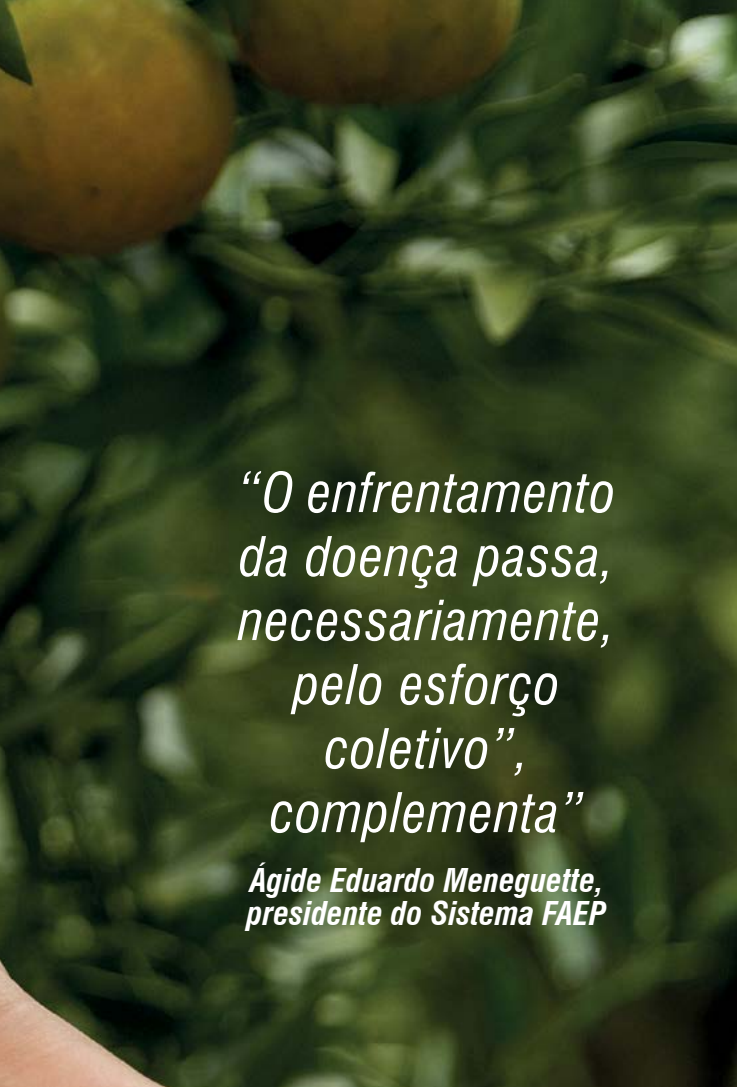
"Precisamos juntar forças para orientar o nosso produtor sobre como monitorar e eliminar as plantas que apresentam sintomas e proteger áreas saudáveis. Essas ações são decisivas para frear o avanço do greening, que já preocupa produtores em diferentes regiões do Estado e do Brasil", afirma o presidente do Sistema FAEP, Ágide Eduardo Meneguette. "O enfrentamento da doença passa, necessariamente, pelo esforço coletivo", complementa.

De acordo com o chefe de divisão de Sanidade da Citricultura da Adapar, Diego Juliani de Campos, a nova portaria funciona também como um alerta. "Com rápida disseminação e alto potencial de destruição, o greening exige vigilância constante, já que uma propriedade sem sintoma pode ser contaminada em pouco tempo por áreas vizinhas infectadas. O controle da doença depende diretamente da atuação dos produtores", afirma.

A nova regulamentação estabelece uma série de obrigações, como cadastro de propriedades, inspeções periódicas, controle do inseto vetor e envio de relatórios. As medidas buscam evitar o aumento dos focos no Estado. Isso porque, segundo a Adapar, há sinais de avanço do greening em áreas monitoradas.

A portaria atende a uma exigência do Ministério da Agricultura, que determinou aos governos estaduais a elaboração de um plano para o combate do HLB (*Haunglongbing*).

A importância desse cuidado se dá pelo peso da citricultura para a economia do Paraná. De acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2024 (o último disponível), o Estado é o terceiro maior produtor de laranja do país, quarto lugar na produção de tangerina e sexto de limão. O citrus representa, segundo os números do Departamento de Economia Rural (Deral) da Secretaria Estadual da Agricultura e Abastecimento (Seab), 62,3% da produção da fruticultura estadual, quando se avalia o volume de produção.



“O enfrentamento da doença passa, necessariamente, pelo esforço coletivo”, complementa”

Ágide Eduardo Meneguette, presidente do Sistema FAEP

Controle coletivo

No campo, a nova portaria é vista como um passo importante no enfrentamento ao greening. Para o produtor de laranja de Paranavaí, Alexandre Vagetti, que atua na citricultura há cinco anos, o sucesso no controle da doença passa pela soma de forças entre o governo e o setor produtivo. O próprio citricultor já teve registro da doença na propriedade.

“Assim que identifiquei, imediatamente, eliminei as plantas com sintomas e plantei novas e saudáveis para substituir. A preocupação sempre existe porque a doença pode causar a inviabilidade do pomar. Precisamos estar sempre atentos e bem orientados sobre como proceder”, afirma Vagetti. “É uma responsabilidade de todos. Quando um não faz a sua parte, acaba prejudicando quem está ao redor”, conclui.

A realidade se repete em outros localidades do Estado. A produtora Ana Maria Gorzoni Tomaz, que cultiva citrus em municípios das regiões Noroeste e Norte, já teve perdas significativas provocadas pelo greening ao longo dos últimos anos.

“Em Guaraci, como as plantas estavam com mais de 20 anos, adotamos o projeto de erradicação para replantio. O mesmo aconteceu no pomar de Cruzeiro do Sul, onde todas as plantas precisaram ser substituídas. Já nas áreas mais novas, o trabalho é de monitoramento constante, com eliminação pontual das plantas que apresentam sintomas”, diz Ana Maria.



Alexandre Vagetti, produtor de laranja de Paranavaí

Portaria exige *checklist* de ações por parte dos produtores rurais

A portaria da Adapar detalha como fazer a eliminação das plantas com sintomas, ação obrigatória que deve ser feita de acordo com a idade das plantas e com manejo adequado para evitar a rebrota. Pomares mais jovens, com até oito anos, ou mais antigos, acima de 15 anos, devem ser eliminados imediatamente. Já plantas entre nove e 12 anos podem ser retiradas em até quatro anos, enquanto aquelas com idade entre 13 e 15 anos têm prazo de até três anos para erradicação. A contagem começa a partir da publicação da portaria, em 12 de março. E, ao final desse período, todas as plantas com sintomas devem estar eliminadas.

Além das orientações para eliminação, o monitoramento passa a ser mais rigoroso, o produtor precisa intensificar o controle do inseto vetor, seguindo a metodologia regulamentada pela Adapar e orientações técnicas de um profissional habilitado.

Outra exigência é o envio de relatórios semestrais à agência, com informações sobre o número de plantas com sintomas identificadas e a quantidade já eliminada. A medida busca dar mais precisão à incidência da doença no Estado e acompanhar a adoção das medidas de manejo por parte do produtor.

As ações seguem alinhadas ao Programa Nacional de Prevenção e Controle do HLB, instituído pela Portaria 1.326/2025 do Mapa, que estabelece diretrizes como a eliminação de plantas contaminadas e o manejo adequado das áreas afetadas para evitar a rebrota e a disseminação da doença.



Ana Maria Gorzoni Tomaz, produtora de Citrus

Histórico

A luta contra o greening, no entanto, não é recente. Desde a confirmação dos primeiros casos no Paraná, entidades públicas e privadas vêm atuando de forma conjunta. Um dos marcos mais recentes foi a criação da Câmara Setorial da Citricultura, formada por entidades públicas como a Adapar e o Instituto de Desenvolvimento Rural do Paraná (IDR-Paraná), Sistema FAEP, além de empresas, associações, cooperativas, consultorias e instituições. O colegiado tem por objetivo monitorar e propor ações contra o greening em todo o Estado.

Confira as orientações para combater o greening

- Plantas com sintomas devem ser eliminadas, conforme prazos definidos pela idade;
- Monitoramento e o controle do psilídeo devem ser contínuos;
- Talhões com mais de 50% de incidência devem ser erradicados imediatamente;
- Vistorias trimestrais devem ser realizadas e o envio de relatórios à Adapar deve ser semestral;
- É proibida a presença de qualquer planta hospedeira, como o citrus e a murta, em áreas de produção não comercial, que esteja no raio de 4km de áreas comerciais. Fora desse raio, fica proibida hospedeiras com sintomas;
- É proibido o plantio e o transporte de murta;
- Toda propriedade com mais de 50 plantas deve ser cadastrada na Adapar.



Citrus representa 62,3% da produção da fruticultura do Paraná

Demandas do agro para 2026

O presidente do Sistema FAEP, Ágide Eduardo Meneguette, participou, no dia 11 de março, no Congresso Nacional, em Brasília, da solenidade de entrega da Agenda Legislativa do Agro 2026. O documento, elaborado pela CNA em conjunto com as federações estaduais de agricultura, reúne o posicionamento das entidades do agro sobre 100 proposições em tramitação. Ao todo, foram analisados cerca de 8,7 mil projetos de lei em discussão, com a seleção daqueles que impactam diretamente os produtores e a agropecuária do país.





Capacitação sobre plantas medicinais

O Sistema FAEP realizou a primeira turma-piloto do curso 'Plantas Medicinais, Aromáticas e Condimentares', que passa a integrar o catálogo da instituição a partir de junho. Ministrado pelo instrutor Cícero Deschamps, a capacitação do módulo básico, sobre 'Identificação de Espécies e Princípios Ativos', ocorreu nos dias 17 e 18 de março, na Fazenda Experimental Canguiri, em Pinhais. Já o módulo intermediário, com foco em 'Manejo e Propagação' foi realizado nos dias 24 e 25 do mesmo mês. Em seguida será realizada a turma do avançado, sobre 'Óleos Essenciais'.



Gestão na Agroindústria

Em Maringá, o Sistema FAEP lançou, no dia 7 de março, a segunda fase do Programa Gestão na Agroindústria. A iniciativa tem como objetivo fortalecer a gestão e a eficiência do setor sucroenergético. Dividido em três etapas, o programa contribui para a melhoria de processos, a organização das práticas de gestão e o aumento da profissionalização do setor agroindustrial. Ao final desta fase, os resultados serão avaliados, permitindo o avanço para a etapa final do programa, prevista para 2027.

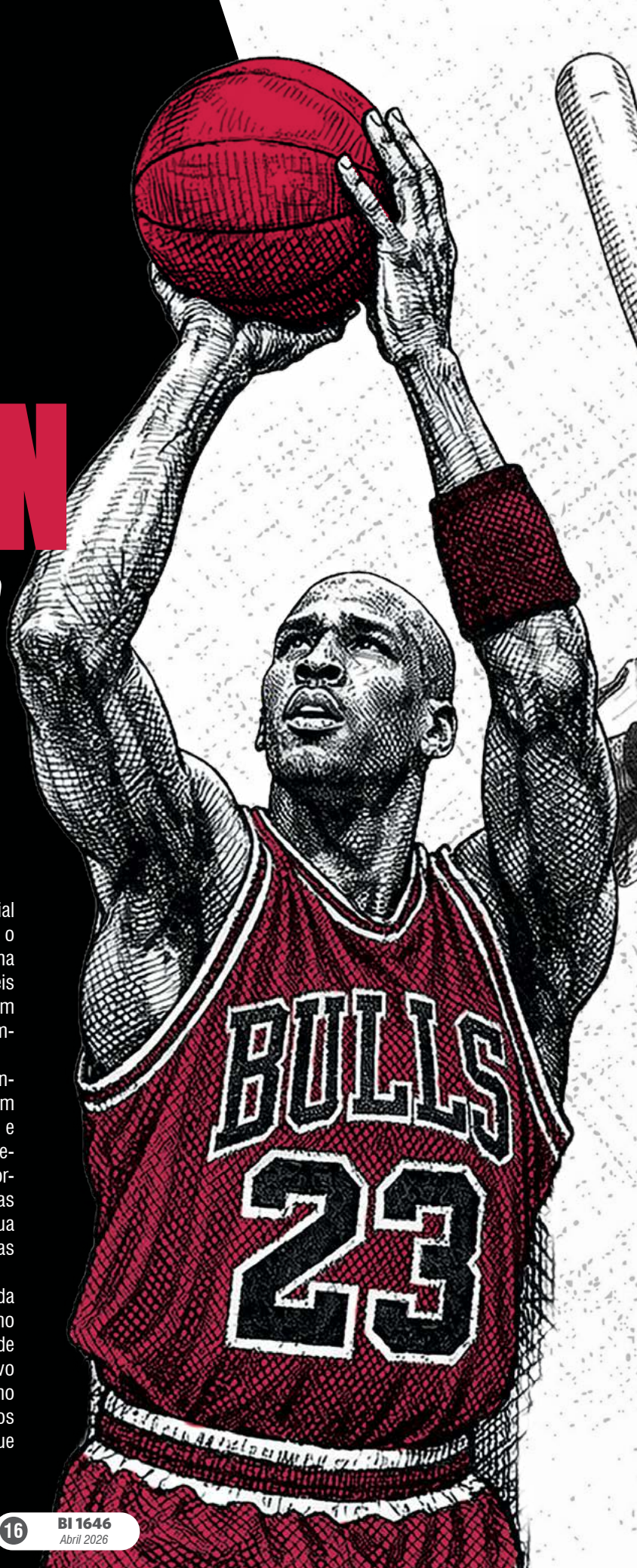


Mais segurança no campo

No dia 17 de março, o 1º Seminário Nacional de Patrulha Rural Comunitária reuniu representantes de diversos estados para discutir a segurança no meio rural. O presidente do Sistema FAEP, Ágide Eduardo Meneguette, apresentou dados do Programa Patrulha Rural Comunitária, desenvolvido em parceria com a Polícia Militar do Paraná, que tem promovido avanços na segurança dos agricultores paranaenses. Em atuação desde 2021, o programa reduziu em 50,7% os roubos no campo, enquanto os furtos caíram 38,7%. Ainda, furtos e roubos de insumos agrícolas reduziram 65,9% e o de animais (abigeato) 56,9%.

O DIA EM QUE Michael JORDAN CHOCOU O MUNDO

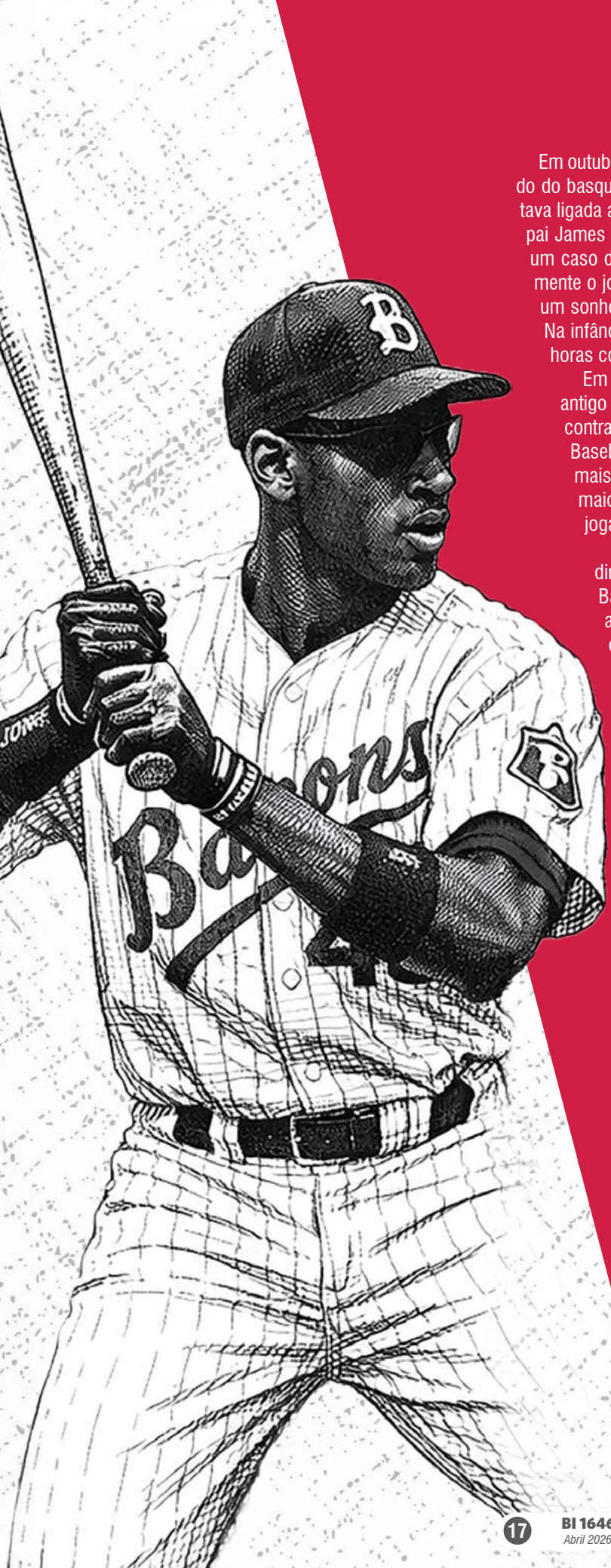
No auge da fama e após três títulos seguidos da NBA, um dos maiores nomes do esporte mundial deixou o basquete para realizar um sonho antigo do pai



Poucos atletas marcaram tanto o esporte mundial quanto Michael Jordan. Apontado por muitos como o maior jogador de basquete da história, ele construiu uma carreira lendária com o Chicago Bulls, conquistando seis títulos e transformando o esporte da bola laranja em um espetáculo global com suas jogadas acrobáticas e competitividade feroz.

Fora das quadras, sua influência foi igualmente gigantesca. Jordan ajudou a transformar a figura do atleta em um fenômeno cultural global, ultrapassando o esporte e influenciando moda e comportamento em diferentes gerações. A parceria com a Nike deu origem à linha Air Jordan, que se tornaria um símbolo dessa nova era. Décadas depois de encerrar a trajetória como jogador, ele continua sendo uma potência nos negócios e acumula uma das maiores fortunas já construídas por um esportista.

Mas nenhuma dessas conquistas foi tão inesperada quanto a decisão que tomou em 1993, quando estava no auge da carreira. Aos 30 anos, Jordan havia acabado de conduzir o Chicago Bulls ao terceiro título consecutivo da NBA, feito raro que consolidava sua hegemonia no basquete mundial. Tudo indicava que os próximos anos iriam trazer ainda mais troféus, quando veio a notícia que ninguém esperava.



Em outubro daquele ano, Jordan anunciou que estava se aposentando do basquete, chocando fãs, dirigentes e jornalistas. A decisão estava ligada a um drama pessoal. Meses antes, em julho de 1993, seu pai James Jordan havia sido assassinado na Carolina do Norte, em um caso de assalto seguido de morte. A tragédia abalou profundamente o jogador. O pai sempre foi o seu maior incentivador e nutria um sonho especial: ver o filho atuando como jogador de beisebol. Na infância, antes de se apaixonar pelo basquete, Jordan passava horas com o pai treinando rebatidas.

Em meio ao luto, Jordan decidiu transformar aquele desejo antigo em um novo caminho. Em fevereiro de 1994, assinou contrato com o Chicago White Sox, franquia da Major League Baseball (MLB). A mudança foi vista como um dos episódios mais inesperados da história do esporte. Naquele momento, o maior nome do basquete trocava de modalidade quando era o jogador mais dominante do planeta.

Jordan, porém, não recebeu privilégios. Em vez de ir direto para a liga principal, foi enviado para o Birmingham Barons, time afiliado do Sox na terceira divisão do beisebol americano. Aos 31 anos, ele se via novamente na condição de novato. Treinava fundamentos, ajustava movimentos e enfrentava adversários que haviam dedicado uma vida inteira ao beisebol.

Os números da temporada refletiram a dificuldade da adaptação. Em 127 jogos, Jordan teve média de rebatidas de 20,2%, com três home runs e 30 bases roubadas, desempenho esperado para quem estava recomeçando em um esporte completamente novo.

Mais do que resultados em campo, sua presença transformou a liga menor em espetáculo. Estádios lotavam para ver o astro do basquete tentando se reinventar em outro campo, e partidas que normalmente passariam despercebidas começaram a ganhar transmissões nacionais e registrar audiência recorde nos Estados Unidos. A aventura durou pouco mais de um ano. Em 1995, uma greve paralisou a MLB, e a saudade da bola laranja falou mais alto. No dia 18 de março daquele ano, Jordan anunciou sua volta ao Chicago Bulls com um comunicado curto: “I’m back” (Estou de volta).

O resto é história. Seu retorno ao basquete marcaria o início de outro capítulo glorioso. Nos anos seguintes, ele conquistaria mais três títulos da NBA, completando o segundo tricampeonato da equipe de Chicago e consolidando definitivamente seu lugar entre os maiores atletas de todos os tempos. Na memória, ficou a passagem pelo beisebol, voltando às origens e honrando a memória do pai.

ATeG transforma gestão e amplia resultados nas propriedades rurais do PR

Turmas-piloto concluídas em 2025 registram aumento de produtividade, lucro e renda, consolidando a expansão do serviço do Sistema FAEP



Em 2025, as primeiras turmas da Assistência Técnica e Gerencial (ATeG) do Sistema FAEP formou 85 produtores rurais espalhados por quatro municípios do Paraná: Rio Branco do Sul, Cerro Azul, Mandirituba e São José dos Pinhais. Os grupos eram compostos por produtores da olericultura, com cultivo de morango, mandioca e hortaliças como alface, tomate, cenoura e berinjela. No período de dois anos (2023 e 2024) de acompanhamento técnico e gerencial, o lucro médio das propriedades atendidas passou de R$ 492 mil para R$ 1,03 milhão, variação de 109% entre o primeiro e o segundo ciclo do programa. A produtividade média apresentou aumento de 59%, passando de 156,5 mil quilos no primeiro ciclo para 249,4 mil quilos no segundo. A renda bruta média cresceu 34%, enquanto a margem líquida média registrou alta de 92%.

"Os resultados demonstram como a assistência técnica e gerencial contribui para a organização da propriedade. Com acompanhamento contínuo, o produtor passa a ter mais clareza sobre custos, produção e planejamento", afirma o presidente do Sistema FAEP, Ágide Eduardo Meneguette. "Apesar de pouco tempo ainda, é possível afirmar que a ATeG vai transformar o meio rural do Paraná", complementa.

O projeto-piloto foi estruturado para testar e adaptar a metodologia à realidade paranaense, com visitas periódicas, diagnósticos técnicos e econômicos e definição de metas em conjunto com cada produtor. Além das orientações técnicas, o programa reforçou o acompanhamento gerencial. Os participantes passaram a adotar caderno de campo, controle de fluxo de caixa e monitoramento de indicadores produtivos e econômicos, ferramentas que auxiliam na tomada de decisão e no planejamento das próximas safras.



Nos municípios de Rio Branco do Sul e Cerro Azul, os grupos iniciaram o trabalho com foco em mandioca e hortaliças e, ao longo do programa, ampliaram a atuação para outras culturas olerícolas. Já em Mandirituba e São José dos Pinhais, as turmas foram formadas por produtores de morango e hortaliças.

Segundo a coordenadora da ATeG do Sistema FAEP, Vanessa Reinhart, os indicadores refletem o trabalho desenvolvido ao longo dos dois anos. “O aumento está diretamente ligado ao acompanhamento técnico sistemático, com diagnóstico da propriedade, definição de metas e orientações ajustadas à realidade de cada produtor”, afirma.

Ao final do ciclo, cada participante realizou uma revisão das metas e um planejamento para o período seguinte, mesmo após o encerramento das visitas técnicas.

A experiência das turmas-piloto serviu de base para a expansão do programa no Paraná, com a abertura de novos grupos em diferentes regionais do Estado. Hoje, o Sistema FAEP conta com mais de 100 turmas espalhadas pelo Estado, envolvendo quase 6,4 mil propriedades.

Mudança de rotina

A ATeG marcou uma nova etapa na organização das propriedades em Rio Branco do Sul. Entre os 17 produtores que integraram a turma-piloto, Diego Rausis e Ebson Lucas Geffer, a partir das visitas técnicas periódicas, organizaram informações produtivas e financeiras do negócio e estabeleceram metas de curto e médio prazos.

Com nove hectares, **Diego Rausis** administra a propriedade ao lado do pai, Dionisio Rausis, tendo no leite sua principal atividade. Ele já havia plantado mandioca anteriormente, mas interrompeu a cultura por falta de mão de obra. Ao ingressar na ATeG, decidiu retomar o cultivo. Atualmente, mantém cerca de 1,3 mil metros dedicados à cultura, e projeta ampliar a área para 1 hectare na próxima safra.

Segundo Rausis, a principal mudança ocorreu na gestão. A propriedade passou a registrar entradas e saídas mensais, calcular custos de produção e acompanhar indicadores de rentabilidade. Isso permitiu identificar que a primeira plantação de mandioca resultou em lucro médio de R$ 500 mensais. Já na segunda safra, o resultado dobrou, alcançando R$ 1 mil por mês.

“Na primeira colheita já deu retorno, mas na segunda melhorou bastante. Quando a gente organiza e aplica o que foi orientado, o resultado aparece”, afirma o produtor.

Na lavoura, também houve alteração na produtividade. Antes do acompanhamento técnico, a média era de aproximadamente três quilos por pé de mandioca. Ao final do ciclo, a produção alcançou cerca de seis quilos por planta, com ajustes na adubação e no manejo do solo.

"A ATeG permite enxergar a propriedade como empresa. Antes eu produzia, mas não sabia exatamente quanto estava sobrando. Agora consigo ter o controle", afirma.

Outro ponto destacado por Rausis envolve a compreensão sobre a importância da gestão rural na tomada de decisões envolvendo a propriedade. O planejamento era desenvolvido com a participação do técnico de campo, Mateus Henrique de Souza, que ajudou a mudar a forma como avalia gastos e investimentos.

"Quando você entende a diferença entre custo e investimento, começa a decidir melhor onde colocar o dinheiro. Isso mudou não só a plantação de mandioca, mas também a atividade leiteira", relata o produtor.

Férias merecidas

Ebson Lucas Geffer também participou da turma-piloto em Rio Branco do Sul. A propriedade soma 12 hectares, com produção de mandioca, milho, abóbora, hortaliças e sistemas em agrofloresta. A produção está concentrada principalmente na área orgânica da propriedade, com seis hectares, conduzida em sistema de agrofloresta. Nesse espaço, há 2 mil pés de berinjela, além de mandioca, pepino e abóbora. Também mantém um pomar implantado há quatro anos, com investimento de R$ 12 mil.

Durante as visitas da ATeG, o técnico de campo Mateus Henrique de Souza apresentou diferentes estratégias de manejo e adubação, além de auxiliar na organização da produção e no planejamento das áreas. Esse trabalho conjunto foi fundamental para estruturar as mudanças na propriedade, além de definir objetivos claros e manter a determinação no dia a dia para alcançar os resultados alcançados.

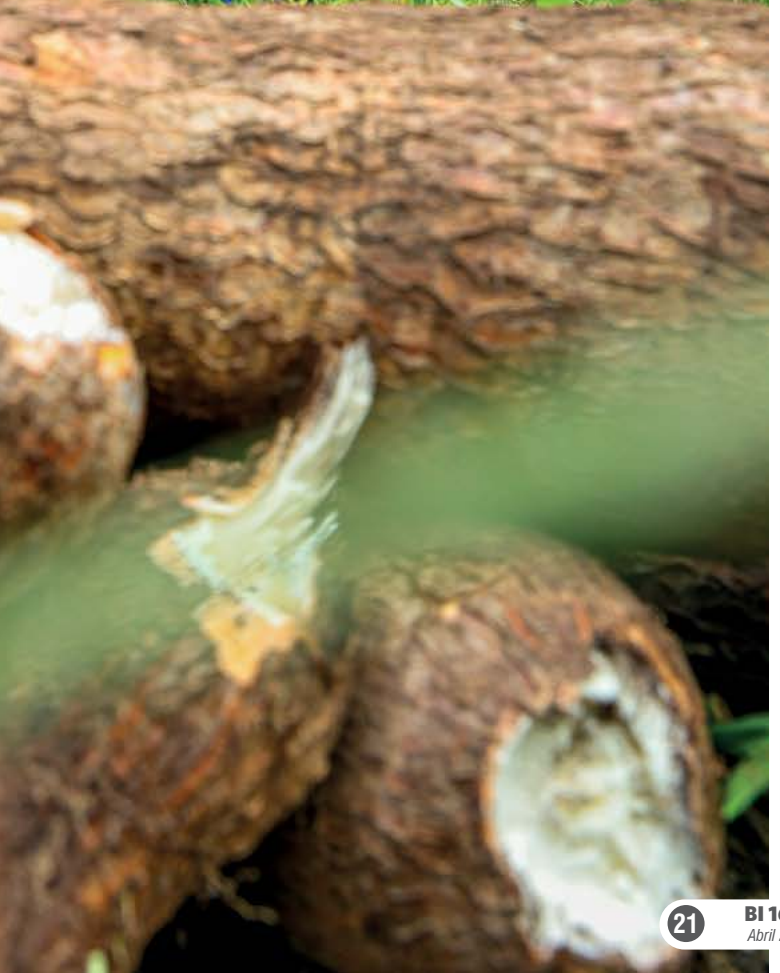
"O produtor precisa ter objetivo. Não dá para entrar na ATeG sem saber onde quer chegar. O técnico aponta os caminhos, orienta, mas quem faz acontecer é quem está no dia a dia" afirma Geffer.

Antes da ATeG, o produtor rural de Rio Branco do Sul chegou a "plantar tudo ao mesmo tempo". Com a orientação técnica, passou a organizar melhor as decisões e o planejamento da produção. "Eu queria fazer tudo ao mesmo tempo. Hoje eu planejo, divido por área, vejo o que dá retorno primeiro e organizo o resto", relata.

Durante o período, fazendo parte do serviço do Sistema FAEP, a renda da propriedade aumentou aproximadamente 35%. Isso graças a gestão, com registro dos custos com adubo, mudas, diárias, transporte e comercialização, além de calcular as margens por cultura. Além disso, a mudança na gestão do negócio permitiu algo inédito na rotina da família: tirar férias, resultado direto do controle financeiro e do planejamento da produção.







"Foi a primeira vez que eu consegui sair tranquilo. Deixei tudo organizado, sabia o que estava plantado, o que ia colher e quanto tinha para receber. Isso foi resultado do planejamento", afirma.

A propriedade é conduzida com o apoio do filho, Welligton Kauan Geffer, que participou ativamente das visitas técnicas com o técnico de campo. O pai de Geffer também acompanha a rotina da propriedade e segue contribuindo com a experiência acumulada ao longo dos anos.

Com o encerramento das visitas técnicas, a família pretende dar continuidade ao planejamento estruturado ao final do ciclo, com metas definidas para as próximas safras e acompanhamento dos indicadores organizados ao longo do período.

"Ao ingressar na ATeG, o produtor rural está investindo seu tempo em melhorias para a atividade, para a propriedade e para a família", afirma Souza, técnico de campo do Sistema FAEP.

ATeG se espalha pelo Paraná

Os resultados observados nas turmas-piloto reforçam a consolidação da Assistência Técnica e Gerencial (ATeG) no Paraná. A experiência nos municípios da Região Metropolitana de Curitiba (RMC) demonstra que o acompanhamento contínuo, aliado à organização das informações produtivas e financeiras, contribui para mudanças práticas na rotina das propriedades rurais e para a melhoria dos resultados econômicos.

Em 2025, a ATeG no Paraná fechou o ano com 109 turmas, envolvendo 6.397 propriedades em 253 municípios, que receberam 14.713 visitas técnicas ao longo do período. Inicialmente apenas na olericultura, o programa passou a contemplar outras cadeias produtivas, como apicultura, bovinocultura de corte, bovinocultura de leite, cafeicultura, fruticultura, grãos e cereais, ovinocultura de corte e piscicultura.

A ATeG do Sistema FAEP envolve técnicas de manejo, organização financeira, avaliação de investimentos e planejamento de longo prazo, integrando produção e administração na rotina da propriedade.



Três gerações de produtores rurais, Ebson Lucas Geffer ao lado do seu pai e do filho

Confira os avanços econômicos e de produtividades nas turmas piloto da ATeG

+59%
Produção Média (Kg)

+34%
Renda Bruta Média (R$)

+45%
Margem Bruta Média (R$)

+10%
Custo Operacional Total (COT) Médio (R$)

+10%
Custo Total Médio (R$)

+109%
Lucro Médio (R$)

+15%
Custo Operacional Efetivo (COE) Médio (R$)

+92%
Margem Líquida Média (R$)

"Apesar de pouco tempo ainda, é possível afirmar que a ATeG vai transformar o meio rural do Paraná"

Ágide Eduardo Meneguette, presidente do Sistema FAEP



Nova fábrica de queijos

O presidente do Sistema FAEP, Ágide Eduardo Meneguette, participou da inauguração da nova unidade do Grupo Piracanjuba, em São Jorge do Oeste, no dia 26 de março. A fábrica vai fortalecer a economia local e ampliar a oferta de empregos na região. A unidade, totalmente automatizada, tem capacidade de recepção de 1,2 milhão de litros de leite por dia. Com uma área construída superior a 54 mil metros quadrados, é considerada uma das maiores e mais modernas fábricas de queijos do Brasil.



Laboratório de análise de sementes

A análise de sementes ganha um reforço no Paraná. O laboratório de análise de sementes da Associação Paranaense dos Produtores de Sementes (Apasem) ganhou uma nova sede. Inaugurado no dia 27 de março, o espaço permite o recebimento de até o dobro de amostras (em 2025 foram 14.362 amostras), além de ampliar a equipe técnica, investir na aquisição de novos equipamentos e na adequação de ambientes específicos para cada etapa das análises.

Capacitação Mobilizador S

Fortalecer a base sindical, melhorar o atendimento ao agricultor, qualificar e aprimorar o planejamento das ações dos Sindicatos Rurais são os objetivos do curso Capacitação Mobilizador S ao longo de 2026. A primeira etapa aconteceu no mês de março, em Curitiba (dias 2 e 3), Ibiporã (5 e 6) e Assis Chateaubriand (10, 11 e 12). Com o tema “Ferramentas de Marketing Digital e Inteligência Artificial”, a capacitação reuniu 200 participantes em sete turmas presenciais.



Protagonismo feminino

O papel da mulher na agricultura paranaense tem evoluído, seja na gestão da propriedade, no apoio à família, no empreendedorismo ou na participação institucional. Para acompanhar esse protagonismo crescente, o Programa Mulher Atual +Agro, do Sistema FAEP, está com novo conteúdo e metodologia. Recentemente, a entidade realizou a formação das novas instrutoras. A versão reestruturada do programa estará disponível no catálogo de cursos, a partir da segunda semana de abril.





Estrutura das megaparcelas experimentais na região de Cambé

Uso de terraços em lavouras reduz perda de água e solo

Estudo da Rede Paranaense de Agropesquisa na região Norte confirma que aplicação de práticas conservacionistas no plantio diminui impactos gerados por chuva intensa

A adoção de terraços na produção de grãos diminui a perda de solo em até 99 % e água em 80%. Esse é o resultado da pesquisa realizada pela Rede Paranaense de Agropesquisa, com apoio do Sistema FAEP, na região de Cambé, no Norte do Paraná. O estudo desenvolvido entre 2018 e 2024 ocorreu em áreas onde o produtor realiza o manejo em plantio de soja no verão e milho na segunda safra.

Para o monitoramento, a equipe de pesquisadores utilizou megaparcelas experimentais com auxílio de calhas H instaladas no ponto de saída dessas estruturas, em áreas de acúmulo ou concentração do escoamento superficial, e calha Parshall instalada no rio da microbacia. Desta forma, foi possível monitorar os eventos de chuva para quantificar as perdas de solo, água e nutrientes durante os processos erosivos.

O resultado mostrou que, em um período de cinco dias em novembro de 2024, choveu cerca de 96 milímetros, sendo 53,7 milímetros em apenas 40 minutos. Nesse cenário, a área com terraço perdeu cerca de 47,7 quilos de solo por megaparcela, com vazão máxima de 61,3 L/s. Já na área sem terraço, a erosão atingiu 26,5 toneladas de solo por megaparcela, com vazão máxima de 320 L/s. Ou seja, enquanto a parcela com terraço perdeu cerca de 18 quilos por hectare, a área sem atingiu 10 toneladas de sedimentos por hectare.

"O produtor rural precisa desses estudos para ter consciência da necessidade das boas práticas dentro da porteira e também otimizar a sua produção. Essa união entre o Sistema FAEP e a rede de pesquisadores espalhados pelo Paraná permite esse respaldo científico, com base em dados reais. Isso garante a manutenção e crescimento da força produtiva no meio rural do Paraná nas próximas décadas", ressalta o presidente do Sistema FAEP, Ágide Eduardo Meneguette.

Para a pesquisadora e coordenadora da equipe de pesquisa na região Norte, Graziela Moraes de Cesare Barbosa, os dados quantificados servem para analisar como o manejo do solo e o uso de práticas conservacionistas impactam na hidrologia da bacia e os efeitos na recarga das nascentes e rios.

"Esses números indicam a eficiência dessa prática conservacionista quando os eventos de chuva são mais intensos e auxiliam no bom manejo das lavouras", explica Graziela. "A perda na parcela com terraço indica que o solo fica retido no canal, portanto, o agricultor tem que fazer a manutenção dos terraços quando necessário", complementa.

Hoje, todas as áreas agrícolas no Paraná são obrigadas, pela Lei Estadual 8.014/1984, a usar terraços. Ou seja, em caso de o produtor optar por uma área agrícola sem terraços, excluindo aquela onde há mata local, e causar um processo erosivo que impacta o meio ambiente, pode ser autuado pela Agência de Defesa Agropecuária do Paraná (Adapar).

"Usar o terraço e boas práticas é lei. O que estamos fazendo é mostrar para o produtor que se ele não usa terraço, além de estar infringindo a lei, também pode ter perda de solo, água e nutrientes. Ou seja, impacta no custo da produção", alerta a pesquisadora Graziela. "A erosão no solo causa perda de fertilizantes, fazendo com que o produtor gaste mais com esses produtos", reforça.

Outra pesquisa da Rede Paranaense de Agropesquisa dá a dimensão da diferença entre se usar ou não os terraços no quesito perdas com fertilizantes. Em Londrina, de maio de 2019 a outubro de 2022, as perdas dos nutrientes nos sedimentos contidos na água escoada pela erosão foram de US$ 282 por hectare na parcela sem terraço e de apenas US$ 32 por hectare na área com terraço.

Apesar da importância dos terraços, Graziela é contundente em afirmar: é necessário um conjunto de práticas conservacionistas complementares, como o plantio direto, o plantio em nível, a rotação de cultura e a manutenção de palhagem.



Calha Parshall instalada no rio da microbacia



Calha H instalada no ponto de saída de água em cada megaparcela

"Na perda de solo, os prejuízos são incalculáveis se pensarmos que um centímetro de solo demora mais de 400 anos para ser formado na natureza. E em um único evento de grande intensidade, esse solo pode ser arrastado ao longo da encosta agrícola ou parar dentro dos rios", explica a pesquisadora.

Ainda, nutrientes como nitrogênio, fósforo, potássio, cálcio e magnésio também podem ser levados junto com o processo erosivo, causando prejuízo ao produtor que comprou esses elementos para adubar a cultura. Ou seja, a falta vai impactar na produtividade e, consequentemente, na lucratividade da safra.

Capacitação:

Para auxiliar os produtores rurais na execução das boas práticas dentro da porteira, o Sistema FAEP oferta o curso 'Manejo e Conservação do Solo – Prática de Campo'. Ao longo das 20 horas de treinamento, o produtor rural conhece os tipos de solos, suas fragilidades e potencialidades, além de técnicas que auxiliam na tomada de decisão para o manejo correto.

A capacitação é gratuita e com certificado aos concluintes. Os interessados podem obter mais informações e realizar a inscrição no site da entidade (***sistemafaep.org.br***).

Nova geração de produtores investe na pulverização por drone

Famílias de Juranda e Castro apostam na tecnologia para reduzir custos e driblar áreas "dobradas"



Lucas Gabriel Petrech, utiliza drone para melhorar a pulverização da propriedade

Nos últimos anos, o uso de drones na agropecuária tem se popularizado cada vez mais. Versátil, a tecnologia tem contribuído para que os produtores rurais reduzam custo, realizem serviços com mais rapidez dentro da porteira e, até mesmo, viabilizem operações que antes se tornavam complicadas por conta do relevo da propriedade.

Em Castro, nos Campos Gerais, a produtora Kelly Alves Taborda é pioneira no uso de drones de pulverização na produção agrícola na região. Ela utiliza a tecnologia em sua propriedade há quase seis anos. A capacitação ocorreu por meio do curso de operação de drones oferecido pelo Sistema FAEP, que o marido João Carlos Taborda e o filho Lucas Gabriel Petrech também realizaram.

"A gente tinha muita dificuldade na pulverização porque dependia de maquinário tradicional. Temos trator e pulverizador, mas nossas áreas são degradadas, com muitos aclives. Era difícil e perigoso trabalhar com trator nessas partes e a gente perdia com o amassamento da lavoura. Então começamos a pesquisar sobre drones", conta a produtora, orgulhosa do filho que está a caminho dos Estados Unidos, por conta de uma bolsa de estudos na Universidade de Iowa.

"Ele sempre acompanhou a tecnologia e a evolução do sistema, especialmente no agronegócio que está em constante evolução. Há tempos, eu dou espaço para as ideias dele no negócio da família. Ele tem muito a contribuir", ressalta a produtora.

"Os treinamentos ofertados pelo Sistema FAEP proporcionam qualificação aos produtores rurais e seus familiares. E, com conhecimento, os agricultores podem tomar decisão mais assertiva, gerenciar melhor a propriedade e, acima de tudo, ter confiança para inovar", destaca o presidente do Sistema FAEP, Ágide Eduardo Meneguette.

Em Juranda, na região Centro-Oeste, Lígia Ganacin adotou a pulverização por drones há quatro anos. A tecnologia deu tão certo que ela, em parceria com o marido Anderson Ganacin e o filho Leônidas Perri Ferreira, criou uma empresa que terceiriza o serviço de pulveriza-





Kelly Alves Taborda e família na propriedade rural em Castro



Filho de Lígia Ganacin, Leônidas Perri Ferreira, na propriedade da família, em Juranda

ção por drone para outros produtores rurais da região. E o piloto da operação é justamente seu filho.

"A tecnologia é fácil de operar, desde a possibilidade de aplicar defensivos sem sair do barracão até a questão do consumo de água. Além disso, as pessoas acham interessante, vêm atrás para ver como funciona e isso possibilita que a gente possa compartilhar conhecimento", conta.

Olhando para frente, o jovem vislumbra um caminho de crescimento e inovação. "Nosso plano é expandir a aplicação com drones, entrando na prestação de serviços e ampliando esse trabalho", afirma. "O que a gente mais discute são as inovações. Sempre pensamos em algo tecnológico, alguma novidade que saia da rotina", complementa.

Leônidas já faz mais do que pilotar drones na propriedade da família: ele virou uma referência para outros jovens agricultores. Sua influência atravessa fronteiras. Ele está ajudando um amigo de infância no Mato Grosso que comprou um drone igual para operar na propriedade do pai, também produtor.

A trajetória das famílias de Lígia e Kelly mostra que a sucessão no campo vai além da transferência de terra. Para a próxima geração, representada por Leônidas e Lucas Gabriel, o caminho está aberto para superar desafios práticos, buscar capacitação e transformar a tecnologia em negócio.

"Os treinamentos ofertados pelo Sistema FAEP proporcionam qualificação aos produtores rurais e seus familiares"

Ágide Eduardo Meneguette, presidente do Sistema FAEP



MANDAGUAÇU

PÁ CARREGADORA

No período de 12 a 16 de janeiro, o curso foi ministrado por Valdecir de Oliveira Sanches, com a participação de oito alunos.



ALTAMIRA DO PARANÁ

AGRO DIGITAL

Com início em 4 e término em 18 de fevereiro, a capacitação foi ministrada por Tania Dirlene Ratz Gerstner para um grupo de 14 participantes.



REALEZA

PROGRAMA EMPREENDEDOR RURAL

Com duração entre 4 de fevereiro a 10 de junho de 2026, o curso está sendo conduzido por Paulo Roberto Golim, reunindo 16 participantes.



ALTAMIRA DO PARANÁ

RECEITAS COM PESCADO

Nos dias 9 e 10 de fevereiro, Sergio Kazuo Kawakami esteve à frente do curso, que envolveu 12 alunos.



CIANORTE

OPERAÇÃO DE DRONES

A formação foi realizada entre 24 e 26 de fevereiro, sob orientação da instrutora Evelyn Aline Arendt, reunindo nove participantes.



JAGUARIAÍVA

ARTESANATO COM PRODUTOS APÍCOLAS

Entre os dias 4 e 6 de março, o curso conduzido por Israel Eugênio Blaskievicz capacitou 12 participantes.



MARMELEIRO

PRODUÇÃO DE QUEIJOS, DOCES E BEBIDAS

O curso ocorreu entre os dias 4 e 6 de março de 2026, conduzido por Rubia Cristiani Camochena, contando com dez alunos.



BELA VISTA DA CAROBA

PRODUÇÃO DE BISCOITOS E BOLACHAS

Realizado nos dias 9 e 10 de março, o treinamento contou com a participação de 12 alunos, sob a condução da instrutora Sidneia Souza da Silva Flavio.



ALTÔNIA

PRODUÇÃO DE PLANTAS ORNAMENTAIS

O curso aconteceu entre 16 a 18 de março, sendo ministrado por Heloisa Cristina Torqueti Gavioli para 11 participantes.



REALEZA

JARDINS PRODUTIVOS

Nos dias 17 e 18 de março, a instrutora Nágila Lavorati ministrou a capacitação para um grupo de 12 participantes.



MAUÁ DA SERRA

OPERAÇÃO E MANUTENÇÃO DE ROÇADEIRA

O instrutor Adriano Vessoni Domingues conduziu a capacitação, com a presença de dez participantes, nos dias 26 e 27 de março.



MAUÁ DA SERRA

OPERAÇÃO DE EMPILHADEIRA

Realizada entre 23 a 25 de março, a capacitação teve como instrutor Adriano Vessoni Domingues, que treinou oito alunos.

VIA RÁPIDA

Cachoeiras: banho de bem-estar

Banho em cachoeira traz múltiplos benefícios para o organismo: o som da água e os íons negativos liberados ajudam a reduzir o estresse, melhorar o humor e aumentar a concentração, enquanto a água fria estimula a circulação, fortalece o sistema imunológico e relaxa os músculos. A experiência também gera uma sensação revigorante de energia e renovação, combinando efeito físico e mental em um verdadeiro "banho de bem-estar".





Banana-nanica: quando o nome engana

Banana-nanica… com esse nome dá até a impressão de que a fruta é minúscula, não é? Só que, na prática, ela é grandona! A pegadinha está no fato de que "nanica" não se refere ao tamanho da banana, mas a bananeira que a produz – essa, sim, é pequenininha. Então, quando se trata de bananas, tamanho não é documento… pelo menos para o nome.



Abertura das flores

Abril deriva do latim *aperire* ("abrir"), evocando a abertura das flores e o início de novos ciclos. Na Antiguidade, o mês era associado a Afrodite, deusa do amor e da beleza, símbolo de fertilidade e harmonia entre a natureza e a humanidade. Ou seja, abril representa tempo de abertura, beleza e recomeços, em que a vida se renova e se põe em movimento.





Pequenos chefes, grandes sabores

Quando crianças participam do preparo das refeições, elas ficam mais abertas a experimentar novos alimentos. Cozinhar desperta curiosidade, senso de responsabilidade e criatividade – e, de quebra, faz com que legumes "suspeitos" fiquem interessantes quando feitos pelas próprias mãos.

Mar de Nuvens

A temporada de montanha no Brasil vai de abril a setembro, com clima mais seco, frio e estável, pouca chuva e boa visibilidade. Esse cenário é ideal para trekking, escalada e acampamento. É também a melhor época para ver o “mar de nuvens”, exigindo atenção à variação térmica e aos ventos fortes.



Multi Lutas

Por que a vassoura não luta caratê?
Porque ela já luta capoeira.



Copa de 2026

A próxima Copa do Mundo será realizada em três países. Os Estados Unidos recebem a maior parte das partidas, em várias cidades. Pela primeira vez, o Canadá recebe jogos de uma Copa do Mundo masculina, um marco histórico. Já o México se torna o primeiro país a sediar três Copas, consolidando sua tradição no torneio.





Golfinhos brincalhões vs. Baiacus Infláveis

Às vezes, golfinhos e baiacus se encontram no mar de uma maneira interessante. Movidos pela curiosidade e espírito brincalhão, os golfinhos podem acabar "brincando" com o baiacu, que se defende inflando e soltando uma toxina. Essa cena inusitada mostra como a inteligência e a vontade de explorar dos golfinhos podem levá-los a interações fascinantes.

FOTO DO CLIMA

Quer ver sua foto do clima publicada no Boletim? É fácil! Basta entrar na seção **Clima**, do site ***sistemafaep.org.br*** ou pelo ***app*** do Sistema FAEP.



Foto: Victor Gustavo Pedroso - Lapa, PR

IR 2026



Declaração do Imposto de Renda ano-base 2025.

Está na hora de fazer sua declaração para a Receita Federal.

Sindicatos Rurais podem fazer isso por você. Procure a entidade mais próxima.

Prazo para declaração:
Até 29 de maio de 2026

SISTEMA FAEP

SENAR PARANÁ | FAEP FEDERAÇÃO DA AGRICULTURA DO ESTADO DO PARANÁ 60 ANOS | SINDICATO RURAL

Endereço para devolução:
Federação da Agricultura do Estado do Paraná
R. Marechal Deodoro, 450 - 14º andar
CEP 80010-010 - Curitiba - Paraná

EMPRESA BRASILEIRA DE CORREIOS E TELÉGRAFOS

- ☐ Mudou-se
- ☐ Desconhecido
- ☐ Recusado
- ☐ Endereço Insuficiente
- ☐ Não existe o nº indicado
- ☐ Informação dada pelo porteiro ou síndico
- ☐ Falecido
- ☐ Ausente
- ☐ Não Procurado

REINTEGRADO AO SERVIÇO POSTAL

Em ____/____/_____ _____
Em ____/____/_____ Responsável

Acesse a versão digital deste informativo:

sistemafaep.org.br

• **FAEP** - R. Marechal Deodoro, 450 | 14º andar | CEP 80010-010 Curitiba-PR | F. 41 2169.7988 | Fax 41 3323.2124 | sistemafaep.org.br | faep@sistemafaep.org.br
• **SENAR-PR** - R. Marechal Deodoro, 450 | 16º andar | CEP 80010-010 Curitiba - PR | F. 41 2106.0401 | Fax 41 3323.1779 | sistemafaep.org.br | senarpr@sistemafaep.org.br

Siga o Sistema FAEP nas redes sociais